



Estratificação Qualitativa Extrínseca de Peles e Couros Bovinos Provenientes de Dois Estados Brasileiros¹

Alexandra Rocha de Oliveira², Manuel Antonio Chagas Jacinto³, Alvimar José da Costa⁴, Mariana de Aragão Pereira⁵, Aline Najara Domingos Gonçalves⁶, Alfred Werner Loosli⁷

¹Parte da tese de doutorado da primeira autora

²Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Zootecnia – UNESP/Jaboticabal. e-mail: alexandra_oliveira@yahoo.com.br

³Pesquisador Embrapa Pecuária Sudeste – cppse – São Carlos. e-mail: jacinto@cppse.embrapa.br

⁴Departamento de Patologia Veterinária - FCAV - UNESP/Jaboticabal. e-mail: ajcosta@fcav.unesp.br

⁵Perquisadora Embrapa Gado de Corte – cnpgc – Campo Grande. e-mail: mariana@cnpgc.embrapa.br

⁶Zootecnista - Campo Grande - linygoncalves@yahoo.com.br

⁷Agônomo – Campo Grande – alfredwl@terra.com.br

Resumo: Com o objetivo de estratificar a qualidade extrínseca de peles e couros provenientes de dois estados brasileiros, foram avaliados 1000 couros procedentes de propriedades paulistas e 1000 couros procedentes de propriedades sulmatogrossenses. As peles (couros crus) foram classificadas em “A”, “B” ou “D” e, logo após o curtimento até o *wet blue*, a classificação comercial foi acompanhada no curtume, segundo escores que variavam de “A” a “E”, além do refugo (“R”). A maioria das peles – 89,5% das peles paulistas e 96,3% das peles sulmatogrossenses – foram prontamente desclassificadas porque continham marcas a fogo na região do grupon, o que não é permitido. Na classificação comercial do curtume, em ambos estados, a maioria dos couros obteve classificações “C” e “D”, apresentando defeitos que podem ser corrigidos nos processos industriais de acabamento.

Palavras-chave: qualidade, pele, couro, São Paulo, Mato Grosso do Sul

Qualitative Stratification of Leathers Coming from Two Brazilian States

Abstract: With the intention of qualitatively stratifying the leathers of two Brazilian states, 1000 leathers coming from properties from São Paulo and 1000 leathers coming from properties of Mato Grosso do Sul were evaluated. Firstly, the skins (rawhides) were classified in "A", "B" or "D" and after the tanning until wet blue, the commercial classification of the same ones was accompanied in the tanning place, and this varied of "A" the "E", besides the refused ones ("R"). Most of the skins - 89,5% of the skins from São Paulo and 96,3% of the skins from Mato Grosso do Sul - were disqualified because they contained marks to fire in the area of the grupon, what is not allowed. In the commercial classification of the tanning place, in both States, most of the leathers obtained classifications "C" and "D", presenting defects that can be corrected in the industrial finishing processes.

Keywords: quality, skin, leather, São Paulo, Mato Grosso do Sul

Introdução

Apesar da crise mundial, o Brasil figura entre os maiores produtores e exportadores de couro bovino do mundo e essa atuação só não é maior por causa da baixa qualidade das peles nacionais. Acredita-se que o Brasil deixe de ganhar US\$ 500 milhões/ano em função da baixa qualidade do couro bovino, o que prejudica a fabricação de produtos de maior valor agregado, como calçados, móveis, vestuário, entre outros (Pereira, 2005). Problemas como marcações a fogo em locais inadequados, furos causados por bernes, marcas de carrapatos e riscos abertos e cicatrizados são os maiores responsáveis pela baixa classificação das peles e, conseqüentemente, dos couros, após o curtimento, e a maior parte desses problemas ocorre dentro da propriedade rural.

O principal fator limitante à melhoria da qualidade do couro é a inexistência de sistemas de remuneração diferencial pela qualidade da matéria-prima, possíveis de serem estabelecidos a partir de programas de classificação de peles e couros. O produtor é remunerado pela pele na venda do animal para o frigorífico e não pela qualidade dela, sem incentivo não há motivação para melhorar a qualidade e o círculo vicioso continua com a indústria pagando pouco pela pele pelo fato dela não ter qualidade.

Essa baixa qualidade pode ser verificada no presente trabalho, onde foi avaliada a classificação da pele, bem como a classificação comercial do couro *wet blue*, em dois estados potencialmente fornecedores de couro para os mercados brasileiro e internacional.

Material e Métodos

Foram avaliados 1000 couros procedentes de propriedades paulistas e 1000 couros procedentes de propriedades sulmatogrossenses.

O caminhão do frigorífico descarregava as peles no chão do curtume e, após passarem pela máquina descarnadeira (pré-descarne), iniciava-se a classificação (A, B ou D) com as mesmas esticadas e empilhadas no chão, segundo metodologia apresentada na Figura 1.

| Defeitos Naturais | Couro tipo "A" | Couro tipo "B" | Desclassificado ("D") |
|---------------------|----------------|----------------|-----------------------|
| Carrapato | Não tolerado | Não tolerado | Tolerado |
| Berne curado | Não tolerado | Tolerado | Tolerado |
| Berne aberto | Não tolerado | Não tolerado | Tolerado |
| Risco aberto | Não tolerado | Não tolerado | Tolerado |
| Risco cicatrizado | Não tolerado | Tolerado | Tolerado |
| Dermatite por Sarna | Não tolerado | Tolerado | Tolerado |
| Marca a fogo | Não tolerada | Não tolerada | Tolerada |

Figura 1 Defeitos naturais tolerados e não tolerados na classificação de peles bovinas

Uma pele classificada como "A" tinha a região nobre, denominada grupon, livre de quaisquer defeitos adquiridos na propriedade rural (chamados de defeitos naturais). Esses defeitos englobavam marcas de carrapatos, bernas abertas e curadas, riscos abertos (causados por cercas de arame farpado, pregos ou objetos pontiagudos nos currais) e fechados, dermatites por sarna e marcas a fogo. Em uma pele classificada como "B" já se tolerava defeitos como bernas curadas, riscos cicatrizados e dermatites por sarna na região do grupon, mas não carrapatos, bernas abertas, riscos abertos e marcas a fogo. Já uma pele desclassificada recebia a letra "D", e poderia apresentar qualquer um dos defeitos anteriormente citados na região do grupon.

As peles foram classificadas, numeradas sequencialmente e marcadas com martelo tatuador na região do início da cauda (Exemplo: 132D) e seguiram em trilhos elevados para o equipamento de curtimento (fulão). Foram fechados fulões só com as peles do experimento, afim de não misturá-las com as peles do processo industrial normal do curtume e facilitar a separação dos couros experimentais. Assim que as peles eram curtidas até o estágio de *wet blue* iniciava-se a observação da classificação comercial dada pelo curtume.

O curtume classificava os couros como sendo A, B, C, D, E ou R (refugo), de acordo com a quantidade de defeitos, bem como suas localizações no couro (se estavam no grupon, na barriga ou no pescoço). Na classificação comercial desse grupo ainda existiam outras avaliações que resultavam em variações dentro de cada uma dessas letras, mas estas não foram consideradas pela equipe executora do projeto, por variarem de acordo com o artefato no qual seriam utilizados após o recurtimento e o acabamento, principalmente calçados ou estofamentos.

Resultados e Discussão

Das 1000 peles procedentes de propriedades paulistas avaliadas, 89,5% foram prontamente desclassificadas pois possuíam uma ou mais marcas de fogo no grupon, recebendo a classificação "D". Cerca de 6,64% das peles receberam classificação "B" e 3,86% das peles foram classificadas como "A". Já de acordo com a classificação comercial do couro em *wet blue*, foi verificada a ocorrência de somente um couro (ou 0,1%) do tipo "A" e apenas dois couros (ou 0,2%) foram refugados, recebendo a letra "R". Verificou-se também a ocorrência de 11,38% de couros "B"; 33,07% de couros "C"; 33,46% de couros "D" e 21,48% de couros "E".

Das 1000 peles sulmatogrossenses avaliadas, apenas uma foi classificada como "A" (ou 0,1%). Somente 3,07% receberam classificação "B", enquanto que 96,83% foram desclassificadas por conterem marca de fogo na região do grupon. Na classificação em *wet blue*, seis couros (ou 0,57%) receberam classificação "A"; 9,91% receberam classificação "B"; 43,21% receberam classificação "C"; 28,30% receberam a classificação "D"; 16,75% receberam a classificação "E" e 1,06% dos couros foi refugado, recebendo classificação "R". Um resumo desses resultados é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 Porcentagens (%) de peles classificadas em A, B e D e porcentagens (%) de couros posteriormente classificados comercialmente em A, B, C, D, E ou R (refugo) nos estados de São Paulo (SP) e Mato Grosso do Sul (MS).

| Estado | Pele (%) | | | Couro <i>wet blue</i> (%) | | | | | |
|--------|----------|------|------|---------------------------|-------|-------|-------|-------|------|
| | A | B | D | A | B | C | D | E | R |
| SP | 3,86 | 6,64 | 89,5 | 0,099 | 11,38 | 33,07 | 33,46 | 21,48 | 0,19 |
| MS | 0,096 | 3,07 | 96,3 | 0,57 | 9,91 | 43,21 | 28,30 | 16,75 | 1,06 |

A alta porcentagem de desclassificação (classificação “D”) de peles em ambos estados brasileiros por conta de marcas a fogo equivocadamente feitas no grupon sugere um descuido dos produtores no tocante à qualidade da pele, uma vez que marcar corretamente - na cara ou um pouco acima do joelho do animal - não acarretaria custo adicional aos mesmos. A baixa porcentagem de peles com classificação “B” sugere que, se o produtor não está marcando a fogo em local errado, também não está controlando devidamente a ocorrência de carrapatos e bernes em sua propriedade, ou ainda utiliza cercas de arame farpado e deixa objetos pontiagudos em contato com o animal, podendo causar riscos na pele. Ainda que as peles paulistas tenham obtido maior porcentagem de classificações “A” em relação às peles sulmatogrossenses, esses números ainda são muito baixos, sugerindo que praticamente não há peles bovinas isentas de carrapatos, bernes, sarna ou riscos, tanto nas propriedades do estado de SP, quanto nas de Mato Grosso do Sul.

Considerando a classificação comercial, os couros de ambos estados apresentaram aspectos qualitativos melhores, ficando a maioria entre “C” e “D”, pois apresentavam defeitos que podem ser corrigidos nos processos industriais de acabamento. Ainda assim, a qualidade extrínseca dos couros procedentes dos dois estados não pode ser considerada boa, pois foram baixas as porcentagens de “A” e “B”, que comercialmente indicariam couros praticamente livres de defeitos. Deve-se, ainda, atentar para as porcentagens razoáveis de couros classificados comercialmente como “E” nos dois estados, pois esse tipo de classificação no curtume indica alta incidência de defeitos incorrigíveis pelos processos industriais de acabamento, comprometendo a qualidade do produto final. Dependendo do preço da pele no mercado nacional a classificação “refugo” é desviada para a produção de gelatina, não sendo vantajoso agregar produtos químicos até o curtimento.

Conclusões

A baixa qualidade extrínseca das peles e couros constatada no presente trabalho mostra quais importantes são os cuidados no manejo com bovinos nas propriedades de gado de corte. Marcar a fogo nos locais permitidos, controlar ectoparasitos, utilizar cercas de arame liso e manter currais livres de pregos e objetos pontiagudos podem garantir matéria-prima de qualidade para os outros segmentos da cadeia produtiva do couro.

Agradecimentos

Agradecemos ao Finep pelo apoio financeiro ao projeto, ao grupo Bertin por facilitar o acesso às plantas industriais e às Embrapas Gado de Corte e Pecuária Sudeste.

Literatura citada

PEREIRA, M. de A.; JACINTO, M. A. C.; TORRES JUNIOR, R. A. de A.; MEDEIROS, E. M. C.; GAMA, T. da C. Qualidade e classificação do couro bovino em Mato Grosso do Sul. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 42., 2005, Goiânia. **Anais...** A produção animal e o foco no agronegócio: anais eletrônico. [Goiânia]: UFG, [2005]. CD-ROM.